

Junho

Jon Moreira

*Eu sei que é junho, o barro dessas horas
O berro desses céus de anti-auroras*

Alceu Valença

Acordo no meio da madrugada com os trovões. Sequências quase ininterruptas de estrondos, prédios desabando, acidentes de carro, painéis de pressão estourando, bombas nucleares, centenas de alarmes desesperando às seis horas da manhã. Os raios devem estar caindo perto daqui. Sonhei com meu pai. Ele ainda novo, como quando eu era criança, cabelo preto, camisa listrada, encostado numa honda cg 1982 azul, na frente da casa da gente, rua de barro, portãozinho de madeira sem pintura, e o velho lá, jogando prosa. A luz de fora vence a cortina em flashes que clareiam a solidão do quarto. Noite de junho, frio bom de dormir coberto, mas a tempestade me despertou a insônia. Viro de todos os lados, conto carneiros, lembro histórias antigas, ganho discussões que nunca aconteceram. Junto dele estavam dois ou três vizinhos, eu estava de longe, nem adulto nem criança, olhando eles conversando. As pipas presas nos fios de alta tensão. Era boca da noite, meu pai colocou a xícara marrom vazia em cima do muro baixo. Os velhos começavam a jogar dominó, iluminados pelo poste da casa vizinha. Me livro dos lençóis, sento na cama, talvez o sono não venha mais. Levanto e vou até a janela, abro a cortina, e o mundo desaba em chuva. Do décimo segundo andar, vejo o bairro inteiro mergulhado na madrugada. Olho distraído as luzes da cidade borradas pela miopia, os coriscos desenhando raízes no céu, as gotas d'água que brilham presas ao vidro da janela. O dominó era de pvc azul, indestrutível. E as batidas que os velhos davam na tábua invadiam o descanso das casas. Ninguém se importava. Riam alto, falavam palavrões e frases prontas, iguais toda noite. Quando chovia muito, não tinha jogo, meu pai punha cadeiras no terraço e ficávamos lá calados, olhando o turvo da chuva na rua, ouvindo o chiado nas casas, as biqueiras grossas dos telhados duas águas. Vejo o céu se arroxear, violeta, lilás. Um único carro cruza lento o aguaceiro. Daqui parece que a chuva durará anos. Mais cedo vi as crianças do prédio tomando banho de chuva. A tempestade me acalma, os trovões só fazem medo sem a visão dos raios. Lá fora o sinal da esquina da farmácia pisca intermitente e amarelo. Choveu muito no dia em que enterramos meu pai.